

UMA ANÁLISE SOBRE A CONCEPÇÃO DE LEITURA DE ALUNOS DO ENSINO A DISTÂNCIA¹

Telma Cristina Gomes da Silva (UFPB)
telmapedist@hotmail.com

Introdução

O objetivo, deste artigo, é analisar o discurso de alunos de uma licenciatura da modalidade de ensino a distância (EAD), com o intuito de saber o conceito de leitura que esses sujeitos trazem consigo para salas de aula virtuais e, por sua vez, conhecer o nível de letramento deles. Nesse sentido, delimitaremos duas questões a serem tratadas de maneira objetiva:

- 1) Quais concepções de leitura o aluno traz para o ensino superior à distância?
- 2) Que tipo de leitor é o aluno da modalidade à distância?

Ao selecionar o aluno como sujeito do dizer, rechaçamos o pressuposto de que o aluno é um *não-leitor*, mas sim que esse aluno traz consigo diferentes noções de leitura como, por exemplo, o ler para estudo, o ler por lazer, o ler para se informar e, por conseguinte, concepções sociais distintas para o ato de ler.

Dessa maneira, o discurso dos alunos sobre o conceito de leitura será investigado a partir da *pesquisa (observação) participante*². Para a realização deste estudo foram adotados dois tipos de investigação: a *pesquisa bibliográfica*, com a seleção de textos sobre as noções de leitura e de leitor e, em seguida, o levantamento e a seleção de dados, com os discursos dos alunos sobre a concepção de leitura, em um componente curricular de uma licenciatura da EAD. Em vista disso, este estudo está caracterizado como uma *pesquisa exploratório-descritiva* de cunho *qualitativo*, sendo o *corpus* analisado qualitativamente a partir do referencial teórico adotado.

Foram utilizados como instrumentos de pesquisa para a coleta de dados: 1) a observação participante com a constituição de diários de campo; 2) e a coleta de material documental constituído de imagens e de textos resultantes das interações no fórum acadêmico; entretanto, utilizaremos apenas esses últimos documentos para a análise. No geral, o *corpus* é constituído por 162 (cento e sessenta e dois) discursos produzidos por alunos em um fórum acadêmico sobre a temática da leitura. O período de discussões no fórum aconteceu entre 08/03/2010 e 14/03/2010, já o período de coleta de dados ocorreu entre 05/09/2011 e 07/11/2011³. Os participantes têm entre 17 (dezessete) e 50 (cinquenta) anos, sendo em sua maioria mulheres casadas, com filhos e

¹ Este é um estudo preliminar ligado a minha pesquisa de tese, que está em andamento com o título provisório “**Ler no ensino a distância**: a construção de sentidos em salas de aula virtuais”, sob a orientação da Profa. Dra. Maria de Fátima Almeida, no PROLING/UFPB.

² Segundo Gil (2009), a *pesquisa (observação) participante* acontece por meio do contato direto do pesquisador com o fenômeno estudado com a finalidade de se obter dados sobre ações dos sujeitos sociais em sua comunidade.

³ Havia 312 (trezentos e doze) alunos matriculados no componente curricular em que realizamos este estudo, entretanto, 39 (trinta e nove) desses alunos nunca acessaram a página da sala de aula virtual. Nesse caso, temos apenas 263 (duzentos e setenta e três) alunos participantes efetivamente em sala de aula. Sendo, estes divididos em 17 (dezessete) polos atendidos pelo curso, *lôcus* da pesquisa. Desses polos, 15 (quinze) pertencem ao estado da Paraíba e 02 (dois) ao estado de Pernambuco.

que atuam na área de educação⁴. Além disso, os sujeitos têm formação diversificada, tendo ingressos: a) com o seu primeiro curso superior; b) com graduação em outras áreas ou até pós-graduação; c) cursando graduação em cursos presenciais simultaneamente a modalidade à distância; d) cursando simultaneamente duas graduações à distância⁵.

Realizamos a seleção dos dados considerando as seguintes categorias: 1) professor com graduação; 2) professor sem graduação; 3) não-professor com graduação; e 4) não-professor sem graduação. Também adotamos outras duas subcategorias: 1) o grupo que *define o ato de ler*; 2) e o grupo que *não define o ato ler*. Além disso, com o objetivo de atribuir praticidade ao estudo, recortamos para a análise uma pequena amostra de 15% do *corpus*. Com isso, obtemos uma amostragem com 24 (vinte e quatro) discursos produzidos pelos alunos, sendo a amostra recortada de forma sistemática⁶.

Como aporte teórico, adotamos os trabalhos de Barthes (1994), Manguel (1977), Chartier (2001), Certeau (1994), entre outros estudiosos sobre os conceitos de leitura e de leitor. Diante do exposto, o presente artigo está dividido nas seguintes partes: apresentação breve de algumas concepções de leitura e de leitor a partir dos teóricos citados e, simultaneamente, a análise da amostragem; em seguida, discutimos sobre os resultados obtidos com a análise e, por fim, tecemos considerações sobre o estudo realizado.

1. Sobre a concepção de leitura e de leitor

A leitura tem se mostrado por muitas décadas um tema relevante nas discussões ocorridas no contexto acadêmico. Nesse cenário, a conceito de leitura não possui uma definição homogênea, pelo contrario, ele é heterogêneo. Nesse sentido, acredita-se ser pertinente uma breve revisão da literatura teórica sobre as diferentes concepções de leitura que circulam entre educadores, filósofos e outros estudiosos da linguagem e, com isso, refletir sobre a concepção de leitura do aluno, uma vez que esse é considerado por alguns estudiosos e profissionais da educação como um *não-leitor*.

Por isso, analisaremos o discurso de alunos de uma licenciatura na modalidade à distância para saber a *concepção de ler* que esses alunos trazem para a sala de aula. A escolha de alunos de uma licenciatura voltada para educação infantil no ensino a distância (EAD) se deve ao fato desses alunos serem os responsáveis pela formação de novos leitores e, também pela EAD colocar esse leitor em contato com ‘novas’ formas de ler.

Por conseguinte, conhecer as concepções de ler desses sujeitos/leitores é relevante para se compreender as práticas de leitura em sala de aula e, por sua vez, fundamental para os estudos sobre o ensino/aprendizagem da leitura. Pois, segundo

⁴ Destaca-se que entre os que possuem a experiência de sala de aula há um grande número que não possui o curso de licenciatura, sendo justamente esse um dos motivos de ingressarem no ensino superior mediado a distância.

⁵ A informação sobre o perfil dos alunos foi coletada na própria sala de aula virtual, em um fórum anterior, onde os participantes do componente curricular se apresentaram.

⁶ A amostragem sistemática é utilizada quando os elementos da população se encontram ordenados, permitindo a retirada de elementos da amostra. Por exemplo, no nosso caso, no fórum acadêmico, a cada 03 (três) comentários produzidos pelos alunos foi retirado 01 (um) para a análise. Ou seja, atribuímos um tamanho a amostra e retiramos elementos para compor a amostragem. (Conferir Amostragem, 2012).

Silva (2007), a problemática em torno da prática de leitura não é apenas uma questão preocupante na educação básica, mas também no ensino superior. Logo, é necessário discutimos mais sobre esse tema no contexto acadêmico.

Nesse sentido, retomamos os questionamentos de Barthes (1984): *O que é ler? Como ler? Por quê?* Segundo o autor, a leitura não recebe pertinência no campo dos estudos da linguagem, uma vez que nesses estudos a leitura não apresenta pertinência de objeto, pois não se leem apenas textos verbais, mas também imagens, lugares, pessoas, gestos, cenas etc. Assim, para esse autor, a leitura acontece a partir de uma intenção, sendo o objeto lido constituído pela intenção do autor com aquele que o lê.

Com a análise da amostragem, encontramos o discurso⁷ do **aluno 06**, pertencente ao grupo da categoria *professores com graduação*⁸, que confirma o pensamento de Barthes. O aluno relata:

“só lemos aquilo que nos interessa”.

Ele ainda acrescenta que:

“a leitura só é prazerosa quando feita espontaneamente, sem aquela obrigação de dar conta da tarefa”.

E conclui:

“Lemos porque nos interessamos pelos mais diversos assuntos; lemos para adquirirmos conhecimentos, solucionarmos problemas, nos divertir, enfim, é uma experiência sem igual, que dá asas à imaginação”.

Com isso, o discurso do **aluno 06** aponta para a incompatibilidade entre o prazer e a obrigação. Nesse sentido, Sousa (199, p. 2269) afirma que é necessário o educador “refletir acerca dessa incompatibilidade entre o prazer e obrigação e sobre o fato de a leitura na escola estar, quase sempre, associada apenas à obrigação, ao tédio, ao trabalho maçante”. Por isso, concordamos com De Pietri (2007), quando este afirma ser importante, no que diz respeito ao ensino de leitura, a forma que o professor media a relação entre leitor e texto. Pois, essa mediação é fundamental para formar leitores proficientes, já que precisamos ler diferentes gêneros textuais, que em sua maioria não correspondem à leitura prazerosa, mas sim às necessidades ou exigências para se atuar em sociedade.

Durante a análise nos deparamos também com o discurso do **aluno 10**, pertencente ao grupo da categoria *professores sem graduação*, que nos relata o seguinte:

“Hoje confesso que tenho pouco hábito de leitura, a não serem as coisas que é de meu interesse”.

⁷ É preciso colocar que todos os enunciados analisados, neste trabalho, não sofreram nenhuma correção de ordem gramatical ou textual a fim de preservar fidedignamente os documentos coletados. Logo, os possíveis problemas dessa natureza nos textos dos alunos se devem a ausência de correção.

⁸ Destaca-se que os discursos são enumerados de acordo com as categorias, logo, temos: de 01 a 07, a categoria *professor com graduação*; de 08 a 15, *professor sem graduação*; de 16 a 18, *não-professor com graduação*; e de 19 a 24, *não-professor sem graduação*. Essa numeração favorecerá na discussão dos resultados obtidos com a análise dos dados.

O discurso desse aluno aponta que a leitura daquilo que é de seu interesse, está associado a *ler pouco*. Ou seja, a concepção de leitura do aluno é relacionada às convenções sociais e, por consequência, ler está ligado ao livro, à escola. Ainda nesse grupo, o discurso produzido pelo **aluno 15** confirma o que postulado por Barthes (1984):

“só lia o que me interessava”.

O aluno complementa dizendo:

“hoje estou tentando mudar isso leio principalmente as coisas que não me agradam assim vou desenvolvendo a leitura de fato”.

Aqui percebemos que ler aquilo que é de interesse pessoal não é concebido com leitura de fato pelo aluno, uma vez que ele primeiramente afirmou só ler o que lhe interessa e, em seguida, coloca ter havido uma mudança de comportamento para desenvolver a “leitura de fato”, isto é, a leitura imposta pelas instituições sociais.

Com isso, os discursos dos alunos enfatizam o que foi colocado por Barthes, mostrando que o interesse de quem lê é que determina a escolha da leitura, por outro lado, ler apenas por interesse não é reconhecido por esses leitores como uma leitura de fato, isto é, uma leitura com função social.

Dessa maneira, podemos afirmar que a leitura é determinada pelas necessidades e gostos pessoais de cada sujeito leitor e, por isso, é algo particular, cabendo a escola colocar o aluno em contato com uma diversidade maior de textos como, também estimular a leitura com fins diversos, formando um sujeito/leitor preparado para atuar nas diversas esferas sociais.

Barthes (1984) afirma ainda que a leitura não possui níveis e, assim, não é possível descrever níveis de leitura⁹. Para o autor, não se pode delimitar ou fechar a lista de níveis utilizados para a realização do ato de ler. Ele também coloca que a leitura “seria o gesto do corpo (pois é claro que lemos com o corpo) que, com um mesmo movimento, funda e perverte a sua ordem” (p. 33). Desse modo, “ler é fazer trabalhar o nosso corpo” (*ibidem.* p. 28).

Em vista disso, Barthes (1984) trata da *leitura não-acadêmica*, pois segundo ele, a leitura instrumental é um dever, uma obrigação, uma técnica que faz “o ato de ler desaparece sob o ato de aprender” (p.33). E, desse modo, ele fala das leituras livres, aquelas que são resultantes do ter lido, do ter desejado ler, enfatizando que “a liberdade de leitura, seja qual for o preço que tenhamos de pagar por ela, é também a liberdade de não ler” (*ibidem.* p. 33). O discurso do **aluno 17**, pertencente à categoria *não-professor com graduação*, reforça o pensamento desse autor ao colocar que a:

“leitura não é só lê um livro, mas sim leitura é em tudo aquilo nos aparecem como imagem, para que possamos fazer uma análise. Isso é leitura”.

Por sua vez, Manguel (1977) diz que: “Todos lemos a nós e ao mundo à nossa volta para vislumbrar o que somos e onde estamos. Lemos para compreender, ou para

⁹ Sobre esse ponto é preciso destacar que comungamos com De Pietri (2007), quanto haver diferentes grupos sociais e, por sua vez, diferentes níveis de letramento devido aos diversos gêneros textuais que circulam nas comunidades com suas diferentes funções. Com isso, podemos afirmar que cada sujeito/leitor tem um maior ‘manejo’ dos textos com os quais mantém um maior contato em seu cotidiano e, consequentemente, maior facilidade de compreendê-los e (re)produzi-los.

começar a compreender. Não podemos deixar de ler. Ler, quase como respirar, é nossa função essencial.” (p. 20). Esse pensamento é enfatizado pelos discursos que analisamos, pois, na categoria *professor com graduação*, encontramos os seguintes pontos de vista. O **aluno 02** diz:

“A leitura faz parte da nossa vida, ela é a base do conhecimento, lendo aprendemos novas palavras, viajamos, ficamos informados, nos emocionamos e enfim a leitura é nossa companheira diária.”

Para o **aluno 03**:

“A leitura não se limita ao mundo escrito. Antes vivenciamos situações de vida que interpretamos ou buscamos compreender.”

Já o **aluno 07**, citando o pedagogo Paulo Freire, coloca que:

“a leitura de mundo antecede a leitura da palavra”.

E, por fim, o discurso do **aluno 14** afirma que:

“A leitura está presente em nosso cotidiano, vivemos fazendo leituras das situações que nos deparamos no decorrer de nossa existência”.

Desse modo, os discursos analisados acima confirmam o que disse Manguel sobre a leitura ser como a própria respiração, porque ela faz parte de nosso cotidiano, de nossas vidas. É preciso destacar que esses discursos também remetem para o texto¹⁰ trabalhado pela professora/pesquisadora com objetivo dos alunos refletirem sobre a *concepção de leitura em sala de aula*. Observando ainda o discurso do **aluno 14**, temos a seguinte afirmação:

“ler é muito mais complexo, pois ler significa compreender, podemos em algumas situações decodificar, mas ler realmente no sentido primordial de sua palavra, vai além das entrelinhas, vai para o cognitivo de cada ser. A leitura é muito mais que decodificar, é simplesmente compreender a essência do autor”.

Nesse discurso o aluno mostra que tem certa consciência da complexidade do ato de ler ao afirmar que “leitura é compreensão”. Além disso, o aluno aponta que a leitura possui uma relação com a decodificação, os implícitos e a cognição. Sobre essa relação recorreremos novamente as ideias de Manguel (1977), pois, segundo ele, o processo de leitura não pode ser explicado através de um modelo mecânico, porque esse processo assim, como o de pensar é resultante de “nossa capacidade de decifrar e fazer uso da linguagem, do estofado de palavras que compõe texto e pensamento” (p. 54-55). Dito de outro modo, a leitura é um processo cumulativo e, por sua vez, cognitivo. Com isso, a afirmação do autor remete para o que foi colocado pelo **aluno 14** e, reforça o nosso pressuposto de que o aluno traz consigo para a sala de aula uma noção formada sobre o ato de ler.

¹⁰ O texto trabalhado pela professora/pesquisadora, no fórum acadêmico, é o capítulo “Falando em Leitura” que se encontra em Martins (1986).

Sobre o aprendizado da leitura, Manguel (1977) diz que os métodos usados para se aprender a ler são convencionados pela sociedade em que vivemos. E afirma que outrora as pessoas eram ensinadas a ler para a instrução. Nesse sentido, para o autor, é preciso distinguir a *leitura aprendida* da *leitura prazerosa*, porque a primeira é institucionalizada dentro do contexto acadêmico, enquanto a segunda é livre. No discurso do **aluno 06**, analisado anteriormente, percebemos essa distinção. Segundo esse aluno:

“a leitura de mundo antecede a leitura da palavra”.

E ele complementa:

“a leitura só é prazerosa quando feita espontaneamente, sem aquela obrigação de dar conta da tarefa”.

Chartier (2001) enfatiza esse pensando ao afirmar que “ler é sempre ler alguma coisa.” (p. 14). Ou seja, a leitura não precisa ser uma obrigação para ser leitura; ela apenas precisa acontecer independente do gênero ou do motivo que se esteja lendo.

Entretanto, o autor coloca que o leitor outrora era confundido com a história do livro, sendo considerado por muito tempo como um reflexo do objeto lido. Nesse sentido, o sujeito receberia apenas o *status de leitor* conforme o gênero textual que lesse. Essa ideia ainda persiste na sociedade, uma vez que os leitores de gêneros textuais, como os quadrinhos e as revistas de entretenimento não são considerados “leitores de fato”. Pois ler ainda está associado ao *suporte livro*, embora estejamos na era digital. O discurso do **aluno 20**, pertencente à categoria de *não-professor sem graduação*, confirma essa associação da leitura com o livro:

“Na minha adolescência queria descobrir muitas coisas através dos livros e hoje estou começando a colher os frutos de cada leitura que eu fazia. Agora sei a importância que um livro tem na vida das pessoas, a leitura nos faz ver o mundo com outros olhos”.

Retomando a discussão sobre o aprendizado da leitura, Manguel (1977) diz que esse aprendizado é um ritual de passagem, no qual o iniciado no letramento renova o conhecimento de seu povo. Essa ideia é comungada pelo **aluno 05** que diz:

“é através da leitura que temos a chance de ampliar a visão de mundo, tornar-se mais inteligente e apta a opinar em determinados assuntos com mais segurança”.

O **aluno 01** também reforça essa ideia. Segundo ele:

“a leitura amplia a nossa capacidade de interpretar, enriquece nossos conhecimentos garantido a formação de sujeito/leitor”.

Esse ponto de vista também é enfatizado pelos discursos dos alunos da categoria *não-professor sem graduação*, como podemos ver com o discurso do **aluno 23**, que associa o ato de ler ao ato de aprender:

“É muito bom ler, é através da leitura que vem nosso aprendizado, seja na escola, na rua ou no trabalho”.

E do **aluno 24** que diz a leitura ser:

“um tema que deve ser estudado e refletido. A leitura está presente em todos os momentos de nossa caminhada cotidiana, desde cedo o ser humano começa a fazer leitura do mundo através das coisas que existem ao seu redor, dos acontecimentos agradáveis e desagradáveis. A leitura mantém a pessoa informada e atualizada, ajuda a melhorar a comunicação, ajuda a desenvolver o conhecimento. Leitura é uma arte que vai para qualquer lugar do mundo. Para formar leitores é preciso desenvolver na pessoa o hábito de ler, despertar no leitor o gosto pela leitura, proporcionar ambiente favorável e espaço para o leitor refletir, conhecer o mundo, adquirir em seu contexto suas vivências, sua realidade. É fundamental despertar no leitor o interesse e o gosto pela leitura através das coisas interessantes e agradáveis”.

Desse modo, a associação entre *leitura* e *aprendizado* é recorrente nos discursos analisados, mostrando que o conceito de leitura dos alunos está ligado àquilo que leva o leitor ao conhecimento. Entretanto, apenas um aluno coloca que é importante uma reflexão sobre o tema leitura para o ensino.

Nos discursos observamos ainda, que alguns alunos não somente expunham suas experiências com a leitura, mas também definiam o que é leitura. Vejamos alguns pontos de vista. O **aluno 04**, pertencente ao grupo de *professores com graduação*, afirma que a leitura:

“é o meio de que dispomos para adquirir informações e desenvolver reflexões críticas sobre a realidade, desta forma podemos compreender o mundo que nos cerca e a realidade em que estamos inseridos. A leitura em uma compreensão mais ampla não significa apenas decodificar símbolos limitando apenas ao texto escrito”.

Nesse sentido, o aluno concebe o ato de ler como um instrumento para obter as informações de que precisa. Na categoria *professores sem graduação*, temos o discurso do **aluno 08** que diz:

“A leitura é a base fundamental para o nosso conhecimento, ler ajuda no crescimento de desenvolvimento e capacidade do nosso aprendizado e compreensão para com os outros”.

Já o **aluno 09** diz:

“Ler significa pensar profundamente e decodificar a escrita, as frases lidas nos textos e compreender a leitura verbal e não-verbal”.

O **aluno 11**, por sua vez, afirma:

“Ler é, acima de tudo a compreensão do mundo à nossa volta. Atividade de leitura não é uma simples decodificação de símbolos, mas interpretar e compreender o que se lê”.

Ele também afirma que:

“a leitura é um instrumento muito importante para o homem.”

Novamente temos a concepção de leitura associada ao meio pelo qual se obtém o conhecimento. Esses discursos nos remetem para a concepção de linguagem¹¹ enquanto meio de comunicação, ou seja, existe uma predominância dessa concepção por trás do discurso do aluno.

Além disso, a leitura também aparece como decodificação de sinais, assim como podemos verificar no discurso do **aluno 16** que relata:

“Minha experiência com a leitura começou logo após a alfabetização, quando realmente aprendia a decodificar as letras”.

Diante disso, percebemos nesse discurso que o aluno considera que entrou de fato em contato com a leitura após decodificar as letras. Ou seja, para ele, a leitura anterior a escola não existe. Por outro lado, o **aluno 21** comenta:

“Sabemos que a leitura é essencial para a comunicação humana, e esta na base de tudo que nos cerca, mas não basta apenas saber ler, ter que usufruir desse ato e como educadores repassarmos de forma clara e objetiva sua importância”.

Ao analisar esse discurso, percebemos que o aluno coloca a importância da leitura como algo do conhecimento de todos. Porém, segundo esse aluno, o poder da leitura deve ser repassado pelos educadores, pois é preciso saber fazer uso concreto dessa habilidade. Em contra partida, o **aluno 12** conceitua a leitura como sendo:

“o mundo de sonhos, [no qual] podemos está no lugar, na hora e também como qualquer personagem lida”.

Essa opinião é comungada pelo **aluno 13**, pertence *aos professores sem graduação*, como podemos observar no discurso a seguir:

“através da leitura de textos, leitura de imagens que o leitor pode viajar por diversos horizontes, criando o seu próprio conceito de mundo e de vida”.

Os discursos acima remetem para o pensamento do ato de ler de Michel de Certeau (1994), que afirma ser a leitura uma forma de exercício de não se estar no mundo, mas sim um momento no qual o leitor constitui esse mundo. Com isso, para esse autor, o leitor é um viajante, um nômade, um caçador de conhecimento através dos campos de outrem. E nessa caça, segundo o autor, o leitor interiorizava o texto, fazendo de sua própria voz o discurso do outro.

Além disso, Certeau (1994) afirma que não se pode desconsiderar a relação essencial entre o Ocidente e a Bíblia, uma vez que ela foi considerada durante séculos como a Escritura Sagrada por excelência, porque possibilitava ao leitor o acesso a uma verdade divina. Com o capitalismo a sociedade foi redefinida e, com isso, os deuses

¹¹ Sobre *concepções de linguagem* indicamos a leitura do livro “*O texto na sala de aula*” de João W. Geraldini (1999), no qual o autor cita as três principais concepções existentes: 1) *a linguagem como expressão do pensamento* – concepção baseada nos estudos tradicionais; 2) *a linguagem como instrumento de comunicação* – ligada a teoria da comunicação – que vê a língua como código, tendo sua base nos estudos estruturalistas e transformacionalismo; 3) e *a linguagem como forma de interação*, na qual o sujeito e o contexto social são fundamentais, concepção baseada na *linguística da enunciação*.

perdem sua voz. Assim, o indivíduo surge como o sujeito de seu próprio discurso, entretanto, ainda é possível encontrarmos resquícios da voz divina em nosso cotidiano. A análise dos discursos da categoria *não-professor sem graduação* comprava esse ponto de vista, como podemos verificar com o discurso do **aluno 19**, no fórum acadêmico, quando sugere aos seus colegas que:

“leiam ao menos a Bíblia e interajam com o mundo seus conhecimentos”.

O **aluno 22** também cita a Bíblia como o livro por excelência, com a seguinte afirmação:

“O primeiro livro que li foi a Bíblia Sagrada, que particularmente considero o livro dos livros”.

E acrescenta que a leitura do texto bíblico é:

“indispensável no cotidiano do sujeito-leitor”.

Pois, para ele:

“A leitura é a base fundamental na formação do conhecimento humano. Ler significa crescer, pensar, conhecer, criar e interpretar o que está a nossa volta”.

Diante do exposto, podemos afirmar que a Bíblia ainda é considerada um texto fundamental entre os leitores ocidentais. Esse posicionamento sobre a Bíblia ser o livro por excelência nos lembra os documentos do século XVII, que determinavam aquilo que era boa ou má leitura. Ou melhor, o que poderia ser julgado como leitura, pois nem todos os gêneros textuais atribuíam ao sujeito o *status* de leitor.

Abreu (1999) retoma essa discussão ao abordar sobre os tratados setecentistas com o objetivo de se compreender o quê se entendia como leitura adequada naquela época. A autora relata haver, no século XVIII, dois motivos que levavam as pessoas a lerem: o primeiro era formar um estilo e o outro era obter conhecimento. Enquanto, a leitura por divertimento era descartada desses tratados, sendo a única exceção quando utilizada para alertar sobre os perigos aos quais aqueles que se dedicam a esse tipo de leitura estavam sujeitos.

Desse modo, o objetivo dos tratados era expor sobre a leitura para a formação do leitor e, com isso, a leitura considerada boa era aquela de caráter instrucional e, por sua vez, a má leitura estava associada à leitura para distração. Essa ideia permanece até hoje, pois ao interrogarmos alunos sobre a sua relação com a leitura, eles se referem à leitura por prazer como uma leitura inferior.

Podemos comprovar isso ao retomarmos o discurso do **aluno 10** que diz:

“Hoje confesso que tenho pouco hábito de leitura, a não serem as coisas que é de meu interesse”.

Esse discurso pressupõe que a leitura por prazer ou interesse particular está associada ao ler pouco, ou ainda uma leitura inferior e, portanto, o ler por diversão, ou ler sem obrigação seria inferior ao ler institucionalizado pela escola.

Abreu (1999) também coloca que os tratados associavam a leitura com a produção de textos. Pois, o ato de ler consiste, para esses documentos, como uma forma eficaz de se incorporar um estilo; além disso, consideravam que a leitura é uma forma de se apropriar das boas produções de cada gênero textual, assim encontramos nesses tratados as orientações sobre leitura e escrita de forma associada. Essa associação é vista até hoje nos manuais ou livros didáticos destinados aos primeiros círculos do ensino básico. Essa posição também se reflete nos discursos dos alunos, pois a leitura ainda é vista como uma forma de melhorar o vocabulário como, exemplifica o discurso do **aluno 18** que atribui uma valoração ao ato de ler. Segundo o aluno:

“a leitura é fundamental para a compreensão do que acontece ao nosso redor”.

E completa:

“A leitura também enriquece o seu vocabulário”.

Diante do exposto, os discursos analisados refletem o que afirma De Pietri (2007) sobre a leitura não ser uma prática escolarizada, uma vez que percebemos uma distinção entre o ler por interesse e o ler por obrigação. Essa obrigação seria institucionalizada ou escolarizada, enquanto que o interesse é o ler por prazer e, portanto, o aluno possui habilidades de leitura anterior a escolarização.

Nesse sentido, para o autor, “uma pessoa pode aprender a ler sem ter ido à escola, ou, mesmo quem tenha aprendido a ler na escola pode desenvolver habilidades de leitura diferentes daquelas que a escola lhe apresentou, e ler textos pertencentes a gêneros com os quais não teve contato em contexto escolar” (DE PIETRI, 2007, p. 11).

Com isso, podemos encontrar em uma sociedade diferentes níveis de letramento e, também diferentes gostos, motivos e formas de ler, porque a leitura é um processo anterior a escola e, por conseguinte, é preciso o educador saber lidar com essas diferentes formas de leitura, em particular, o professor das licenciaturas para conscientizar seus alunos desses níveis de letramentos e, por sua vez, de concepções de leitura e de leitor existentes na sociedade.

Trataremos na seção a seguir sobre a discussão dos resultados, procurando sistematizar a análise em uma pequena tabela.

2. Discussão dos Resultados

A tabela abaixo tem por objetivo proporcionar uma melhor visualização do perfil do aluno participante deste estudo a partir da análise dos 24 (vinte e quatro) discursos investigados. E, com isso, apresentar em números o conceito sobre *o que é ler* dos alunos da EAD. Para a realização deste estudo, como citado anteriormente, consideramos 04 (quatro) categorias que identificam a formação anterior dos alunos e 02 (duas) subcategorias que dizem respeito ao aluno trazer ou não para a sala de aula virtual um conceito pré-concebido sobre a leitura.

Quadro 1: Categorias e Subcategorias selecionadas no *corpus*.

Professor com graduação		Professor sem graduação		Não-professor com graduação		Não-professor sem graduação	
Define Ler	Não define ler	Define ler	Não define ler	Define ler	Não define ler	Define ler	Não define ler
03	04	06	02	02	01	03	03

Fonte: Pesquisa em sala de aula.

Com os dados analisados, percebemos entre os 24 (vinte e quatro) alunos, sujeitos, deste trabalho, que 15 (quinze) já atuam como professor. Porém, apenas 07 (sete) deles têm um curso superior. No caso, desses sujeitos o curso é uma licenciatura. Entre esses 15 (quinze) alunos que afirmaram já lecionar, apenas 06 (seis) não explicitaram diretamente em seus discursos um conceito pré-concebido sobre o ato de ler, mas pontuam que a leitura acontece devido ao interesse do sujeito/leitor. Desse modo, podemos pressupor que ler não é somente uma obrigação para esses alunos, e sim uma diversão, curiosidade etc. Ou seja, os alunos possuem uma visão mais ampla da leitura, associando-a com os conhecimentos prévios, os interesses e os gostos pessoais.

Por outro lado, percebemos também que conceituar a leitura é predominante na categoria de *professor sem graduação*. Logo, podemos deduzir que os professores leigos têm uma necessidade maior de definir para si mesmos e, também, ou principalmente, para os outros, *o que é leitura* e, por sua vez, o como essa prática da leitura se desenvolve na escola.

Quanto aos alunos *não-professores*¹², temos 09 (nove) discursos analisados, sendo 06 (seis) deles de alunos que não possuem nenhuma graduação. Nesses 09 (nove) discursos, percebemos que apenas 04 (quatro) alunos não definiram o ato de ler, embora seja possível identificar uma associação da leitura com decodificação de letras, ou ainda, como algo relacionado à comunicação. Os que definem o ato de ler também não se afastam muito dessa ideia de decodificação, pois definem a leitura como algo relacionado ao vocabulário ou a formação tradicional (escolar). Nesse sentido, o conceito de leitura dos *não-professores* parece mais restrito que os daqueles que já atuam em sala de aula.

Considerações

Esse trabalho teve como propósito analisar discursos de alunos de uma licenciatura da EAD sobre sua concepção de leitura e, por sua vez, saber o perfil de aluno/leitor que está adentrado em nossas universidades. E, com isso, abrir uma discussão maior em torno da temática da leitura que leve o professor de graduação, em especial, de licenciatura a refletir sobre seu papel enquanto formador de leitores.

Com a análise dos dados, podemos constatar que a sala de aula é um universo psicossocial tão complexo quanto é o ato de ler, pois encontramos diferentes posições dos alunos sobre “*o que é ler*” ou “*o que é leitura*”. Sendo, ora a leitura associada apenas àquilo que é imposto pela instituição escola, ora a leitura está ligada àquilo que é de interesse pessoal aliado ao institucional, ou ainda a leitura é a relação entre o institucional, o interesse e as experiências de vida. E, por conseguinte, os alunos têm conceitos distintos sobre o que seja a leitura.

Diante disso, é necessário que o professor seja consciente não somente dos diferentes níveis de letramento de seus alunos, mas também sobre os conceitos que esses alunos trazem consigo para a sala de aula. Além disso, como estamos tratando de alunos de licenciatura, deve-se levar em conta que o professor que se guia pelos conhecimentos prévios de seus alunos, estará formando alunos/professores conscientes da importância de respeitar o saber do outro, uma vez que a licenciatura forma profissionais para atuarem na educação básica.

¹² É preciso destacar que os cursos da UAB/UFPA surgiram inicialmente para atender a uma demanda de professores leigos, logo, entre os sujeitos alunos participantes encontramos uma parcela menor de *não-professores* entre os alunos matriculados.

Com essa discussão, esperamos despertar mais professores sobre a importância do saber trazido pelo aluno para a sala de aula. E, com isso, ampliar o letramento e as visões de mundo desse aluno, favorecendo não somente a formação acadêmica e profissional, mas também e, principalmente, a formação do cidadão, já que saber ler, é saber atuar socialmente.

Concluindo, podemos afirmar que este trabalho mostrou que ainda existem noções pré-concebidas sobre a leitura. Embora, também tenhamos percebido que já exista uma consciência sobre essa ação não se restringir somente ao suporte livro e nem tão pouco a mera decodificação. Além disso, verificamos que os alunos que atuam em salas de aula virtuais necessitam de um conceito mais bem formado sobre o seu instrumento de trabalho. Logo, cabe ao professor de graduação mostrar que existem diferentes concepções de leitura e, que essas estão diretamente relacionadas ao exercício da prática em sala de aula e, principalmente, à atuação na sociedade.

Referências bibliográficas

ABREU, Márcia (Org.) **Leitura, história e história da leitura**. Campinas: Alb; Mercado de Letras e Fapesp, 1999.

AMOSTRAGEM. Disponível em: www.pucrs.br/famat/cecilia/amostragem.c.estimacao.doc. Acesso em: 28/01/2012.

BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1984.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros**. 2ª ed. Brasília: Editara da UNB, 2001.

DE PIETRI, Émerson. **Práticas de leitura e elementos para a atuação docente**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

GERALDI, João Wanderley. (org.) **O Texto na Sala de Aula**. São Paulo: Ed. Ática, 1999 (Coleção na Sala de Aula).

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. 12 reimpr. São Paulo: Atlas, 2009.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1977.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense. 7ª ed., 1986, p.07-10

SILVA, Telma Cristina Gomes da. Leitura, Linguagem e Ensino Superior. In: **I SIMPÓSIO NACIONAL DE LEITURA, 2007, João Pessoa. I SIMPÓSIO NACIONAL DE LEITURA**. João Pessoa: Idéia, 2007, p. 1068-1073.

SOUSA, Maria Ester Vieira de. Desnaturalizando o discurso sobre a leitura. In: **ANAIS do VI Congresso Internacional da ABRALIN**. João Pessoa: Idéia, 2009.